

Para o atual cinema da União Soviética o exemplo é Dovjenko, 12 abr. 1962

Wladimir Herzog, Enviado especial
O Estado de S. Paulo, 12 abr. 1962

MAR DEL PLATA, março – Desejávamos falar com Yuri Tchuliukin, um rapaz de 31 anos, diretor de *Mulheres*, o filme que representou a União Soviética no Festival. Intrigados pelo tom neolubitchiano do filme e, mais ainda, surpreendidos pela dubiedade de suas intenções – dedução exposta na crítica que fizemos à película – movia-nos o desejo de ouvir do próprio criador esclarecimentos que nos pudessem levar a uma conclusão mais objetiva das atuais tendências da cinematografia soviética.

Quem nos atendeu, entretanto, foi um senhor grisalho, alto. Pela intérprete soubemos que era Ivan Piriev, o chefe da delegação, veterano diretor (*O idiota* etc.). Sua autobiografia deu-nos o pretexto para a primeira pergunta. Piriev, no início da década de 20, foi ator do teatro dirigido por S. M. Eisenstein. Recorda os velhos tempos com reconhecimento mas sem melancolia. Reconhece a contribuição do mestre na sua formação artística mas situa-o na sua esfera temporal. “Para os jovens realizadores russos a mais importante inspiração não vem de Eisenstein nem de Pudovkin. Vem de Dovjenko, o único dos três que compreendeu e expressou mais profundamente o caráter nacional do nosso povo. Eisenstein, apesar das inovações que trouxe à linguagem cinematográfica, nunca atingiu o centro do ser humano, como caráter e imagem.

“Os jovens realizadores” – conclui Piriev – “continuam a tradição dos primeiros mestres, não mecanicamente mas analisando-os.”

Cita películas como *Quando voam as cegonhas* e *Balada do soldado*, que vimos no Brasil, obras de Tarkowski, Kulik e Kounidjanov. Informa que está em preparo *Guerra e paz*, de Tolstói, filme em três partes que será dirigido por Boundarchuk, Tchoukrai e Kounidjanov.

Depois de Stálin

Piriev deplora na cinematografia a preocupação pelo erotismo e pela violência. Sobre a reação de certos críticos ocidentais à excessiva sentimentalidade de alguns filmes russos, como por exemplo *A balada do soldado*, Piriev explica que “uma certa dose de sentimentalismo e romanticismo faz parte do caráter nacional. É difícil que em outros países se compreenda isso, principalmente quando não se conhece o país que se critica”.

“Além disso, os atuais realizadores não fazem diferença entre as problemáticas individuais e sociais. Consideram-se mais organicamente as diferenças individuais. O culto de Stálin impedia este tipo de interesse. Agora, o objeto da criação cinematográfica soviética em seus fundamentos é a vida da gente simples e não dos heróis.”

Apuro do gosto

O delegado soviético dá a seguir um balanço das realizações do ano passado (120 longas metragens e quase 500 curtas, a maioria das quais de autoria de diretores entre os 25 e 35 anos de idade). Detém-se em considerações sobre o público cinematográfico soviético.

“Na URSS estuda-se muito o espectador. Nos festivais, principalmente, fazem-se consultas sobre as exigências do público, objetivando elevar o seu gosto estético. O russo tem, por outro lado, uma longa tradição artística.”

Ivan Piriev, chefe da delegação soviética ao Festival de Mar del Plata.

HERZOG, Vladimir. “Para o atual cinema da União Soviética o exemplo é Dovjenko”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 abr. 1962, p. 9, c. 1.